

AS MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO PRIMEIRO SEMESTRE DO CURSO DE LETRAS SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

THE MEMORIES OF STUDENTS FROM THE FIRST SEMESTER OF THE LITERACY COURSE ABOUT LITERARY READING AT SCHOOL

Ana Lúcia Maria de Souza Neves  <https://orcid.org/0000-0003-0746-7407>
Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de Letras e Artes/Centro de Educação

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10530782>

Recebido em 31 de maio de 2023

Aceito em 26 de julho de 2023

Resumo: O presente artigo discute acerca das práticas de leitura literárias a partir das memórias dos alunos recém-ingressos no curso de Letras, 2020.1. A partir deste conhecimento, pretendemos inicialmente fazer um diagnóstico das práticas de leitura do texto literário na escola básica, identificando os modos de ler, o lugar ocupado pelo texto literário na sala de aula, as leituras realizadas dentro e fora da escola. Objetivamos também analisar e refletir sobre as vivências com a leitura do texto literário relatadas pelos alunos. O artigo é resultado do interesse em conhecer os saberes e as experiências literárias vivenciadas na escola de ensino fundamental e médio a fim de promover na sala de aula da universidade o diálogo com o aluno baseado no reconhecimento e na valorização das preferências de leitura e vivências. A constituição do corpus é formada pelas memórias de leituras de alunos da disciplina Teoria da Poesia no período 2020.1/noturno da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. Ao todo foram coletados 30 relatos. O registro das memórias foi realizado a partir de uma atividade aplicada em sala de aula na qual foi solicitado aos alunos que relatassem sobre as leituras vivenciadas no período escolar dentro e fora da escola. As reflexões foram embasadas em estudos sobre leitura, concepção de literatura, ensino de literatura. Dentre os autores consultados estão: Certeau (1994); Luzia de Maria (2008); Márcia Abreu (2006); Cosson (2006, 2014); Alves (2014).

Palavras-chaves: Leitura literária. Leitor. Ensino de literatura. Memórias.

Abstract: This article discusses literary reading practices based on the memories of students recently enrolled in the Literature course, 2020.1. Based on this knowledge, we initially intend to make a diagnosis of literary text reading practices in basic schools, identifying the ways of reading, the place occupied by the literary text in the classroom, and the readings carried out inside and outside the school. We also aim to analyze and reflect on the experiences with reading the literary text reported by the students. The article is the result of the interest in knowing the knowledge and literary experiences lived in primary and secondary schools in order to promote dialogue with students in the university classroom based on the recognition and appreciation of reading preferences and experiences. The constitution of the corpus is formed by the memories of readings by students of the Theory of Poetry discipline in the period 2020.1/night at the State University of Paraíba, campus I. In total, 30 reports were collected. The recording of memories was carried out based on an activity carried out in the classroom in which students were asked to report on the readings they experienced during their school years inside and outside of school. The reflections were based on studies on reading, conception of literature, teaching of literature. Among the authors consulted are: Certeau (1994); Luzia de Maria (2008); Márcia Abreu (2006); Cosson (2006, 2014); Alves (2014).

Palavras-chaves: Literary reading. Reader. Teaching literature. Memoirs.

1. Considerações preliminares

A leitura do texto literário na educação básica continua atrelada, muitas vezes, à discussão estrutural dos textos, isto é, voltada para o estudo de questões formais (quem são os personagens? Qual o tipo de narrador? Quantas estrofes têm o poema etc). No entanto, sabemos também da existência de muitas experiências exitosas com o texto literário na escola. Consideramos que o professor tem nesse processo atuação fundamental, pois é a partir da sua concepção de literatura, leitura e método de abordagem do texto literário que poderá ou não oferecer ao aluno encaminhamentos metodológicos que propiciem um encontro significativo com os diversos gêneros literários. Para tanto, precisa estar fundamentado teórico e metodologicamente para “sair do formalismo da atividade de leitura concebida como lugar de aquisição programada de saberes – e de transformar a relação dos alunos com o texto literário acolhendo suas reações subjetivas.”(ROUXEL, 2014, p.21). Nesse sentido, a licenciatura em Letras tem um papel importante, já desde os primeiros semestres, com a formação do docente para que ele possa refletir de maneira crítica e embasada acerca da prática em sala de aula. Julgamos que o primeiro passo é a análise acerca da formação obtida enquanto leitor na educação básica.

Com base no exposto, no primeiro semestre do curso de Letras realizamos um diagnóstico da história de leitura dos alunos. Algumas vezes esta atividade é realizada por meio de uma conversa, um diálogo com a turma, outras vezes solicitamos que os alunos escrevam a respeito das suas vivências como leitor dentro e fora da escola. Neste artigo, pretendemos discutir acerca de um desses diagnósticos, mais especificamente selecionamos produções escritas coletadas na turma 2020.1. O registro das memórias foi realizado a partir de uma atividade na qual foi solicitado aos alunos que relatassem sobre as leituras vivenciadas no período escolar dentro e fora da escola.

A justificativa para a realização da pesquisa, que resultou neste artigo, decorre do interesse em conhecer os saberes e as experiências literárias vivenciadas na escola de ensino fundamental e médio e promover na sala de aula da universidade o diálogo com o aluno baseado no reconhecimento e na valorização das preferências de leitura e vivências dos graduandos. A constituição do corpus é formada pelas memórias de leituras de alunos matriculados no componente curricular Teoria da Poesia no período 2020.1/noturno da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. Ao todo foram coletados 30 relatos.

2. A escolarização da Literatura: o tratamento do texto literário na escola

Conforme lembra o professor Alves (2014, p.10), as mudanças no ensino da literatura e nas práticas dos leitores literários têm ressaltado o necessário fortalecimento do diálogo entre escola básica e a universidade, principalmente no que diz respeito às trocas de conhecimentos produzidos nos dois espaços:

Outra observação a ser levantada está ligada ao fato de que a instituição responsável pela formação de professores, a Universidade pública ou privada, através dos cursos de Letras, pouco se modificou, nos últimos anos, no que se refere às exigências metodológicas que as novas práticas que visam à formação do leitor exigem. Ou seja, se faz necessário que o ensino superior assuma um papel mais dinâmico numa formação que possa ter reflexo no ensino fundamental e médio. Assim, talvez, seja possível uma retroalimentação entre Universidade e ensino básico.

Nesse sentido, é preciso que a licenciatura busque investigar a (s) história (s) de leitura do aluno egresso da educação básica e a partir deste trabalho possa conhecer os saberes e as experiências literárias dos discentes, a fim de compreender os percursos formativos e as práticas de leitura de cada um.

A pesquisa junto aos alunos representou também uma estratégia que possibilitou a reflexão crítica dos graduandos sobre muitas questões importantes quando se pensa na formação do leitor literário: Que condições materiais e metodológicas podem contribuir para a formação do leitor? Como se processa a escolha das obras? O que se leva em consideração para essas escolhas? Que condições socioeconômicas interferem na recepção das obras? (Alves, 2014, p.10).

Por este caminho buscamos não incorrer no problema apontado pela professora Márcia Abreu, no seu livro *Cultura Letrada: Literatura e leitura* (2006), ao mencionar que a escola não forma leitores que possuem gosto próprio, mas que são induzidos a fazerem determinados comentários sobre os autores e sobre os livros:

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independente de seu verdadeiro gosto pessoal (Abreu, 2006 p. 19).

A questão da leitura literária na escola é um dos focos dos documentos oficiais, parâmetros, orientações e propostas curriculares, desde os anos de 1990. PCNs 1997/1998, PCNEM (2000), OCNs (2006) defendem a premissa “de que ao ensino fundamental caberia a “formação do leitor” e, ao ensino médio, a sistematização dos conhecimentos sobre literatura”. (Resende, 2014, p. 41). Em todos esses documentos enfatiza-se a formação do leitor literário e o desenvolvimento da fruição. Mais recentemente a BNCC (2017 e 2018), Base Nacional Comum Curricular, apresenta a literatura como parte do campo artístico-literário, tendo como objetivo “[...] a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral” (BRASIL, 2018, p. 495).

A concepção de Literatura presente na BNCC pressupõe a perspectiva de que se trata de uma arte entre outras, por isso deve ser estudada em diálogo com as práticas de linguagens, das quais não se dissocia. Essa posição acompanha a mudança na concepção de texto literário, havendo uma equalização entre os textos, sendo o literário uma das expressões entre outras. (Ipiranga, 2019).

A BNCC enfatiza também o diálogo da leitura do texto literário clássico com gêneros e formas diversas presentes na sociedade contemporânea (vlogs e podcasts literários, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc).

De acordo com a BNCC, é preciso que a escola abra espaço para a leitura de diversos textos literários, em diferentes suportes, não só nos livros didáticos, ou nos livros físicos, mas também livros digitais em seus mais variados formatos. Para isso, é necessário que sejam traçados objetivos que visem, através de práticas de ensino-aprendizagem significativas, resultados exitosos, amparados pela premissa de que a leitura permite o compartilhamento entre experiências e saberes.

Para que as aulas de literatura não se restrinjam a abordagem formal dos textos a ponto de afastar o leitor da obra literária, Todorov, um dos principais estudiosos formalistas/estruturalistas, nos adverte no livro *A Literatura em Perigo* (2010, p.32):

É preciso ir além. Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atemos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto; não apenas os meios não devem se tornar o fim, nem a técnica nos deve fazer esquecer o objetivo do exercício. É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte ("nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação"), arrisca-se a nos conduzir a um impasse — sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura.

O escritor búlgaro ressalta que é necessário considerar que as obras funcionam dentro de um contexto e em diálogo com o ambiente externo. Na escola a bordagem do texto literário não deve ficar restrita aos aspectos imanentes, desencadeando leituras meramente formais, nem tão pouco aos aspectos sociais, que terminam por conduzir a leituras exclusivamente temáticas da obra. É preciso propiciar a interação, o diálogo entre o leitor e o texto de modo ativo e reflexivo, por meio do qual o leitor encontrará sentidos relacionados à própria existência. Corroborando com as ideias de Todorov, Cosson (2009 p.34) diz que “a literatura deveria ser vista como um sistema de outros tantos sistemas” e complementa dizendo que “a literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura”. Na tentativa de ultrapassarmos os exercícios de metaleitura, Cosson (2009) nos lembra da importância de estimular a leitura literária:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, sobretudo, porque nos oferece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2006, p.30).

Para o autor, o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não, e o interesse dos alunos se justifica principalmente por essa atualidade. (Cosson, 2006). Nesta ótica, Abreu (2006) propõe que se trabalhem os textos atuais sem deixar de lado o texto literário canônico, importando sempre que o aluno tenha acesso a uma variedade de textos e, dessa maneira, que o espaço do outro no contexto escolar seja sempre assegurado.

A leitura literária permite a ressignificação da escrita e da leitura, fazendo então com que o aluno se aproprie dos textos nos mais variados contextos sociais, principalmente no espaço escolar. O trabalho para a formação do leitor literário deve oferecer uma estrutura adequada, bibliotecas com acervos consideráveis, garantia do empréstimo e da circulação de livros, rodas de leitura, entre outras ações que ampliem a presença do texto literário na escola. O processo em questão favorece a formação do leitor crítico em detrimento ao “leitor vítima” (OCEM 2006). Nas concepções de Umberto Eco (1988), o leitor crítico seria aquele que além do narrar se ocupa do modo como se enunciam as questões no texto. O leitor crítico seria aquele capaz de formular

suas próprias hipóteses, construir suas próprias interpretações, baseadas nas pistas linguísticas oferecidas pelo texto. Sobre essa perspectiva, a professora Luzia de Maria (2008) define a leitura como:

[...] compromisso político: uma leitura que não apenas ofereça respostas ao homem sobre sua própria realidade, mas que também instigue-o a colocar-se questões e o instrumente na busca de respostas e soluções; uma leitura que desinstale o homem da placidez e da acomodação [...].

O compromisso político relacionado à formação leitora é ressaltado também por Bordini e Aguiar (1998, p.12):

Nesse sentido, é importante que as classes menos favorecidas tenham acesso à cultura letrada, sob pena de se manterem as diferenças sociais. Isso quer dizer que, ao se valorizar todas as expressões culturais dominadas, não se está pretendendo limitar as classes populares ao conhecimento já adquirido no grupo. O que se propõe é abrir-lhes o leque de opções de modo a atuar efetivamente na vida social e não apenas como massa de manobra, uma vez que elas passam a ser capazes de jogar com as mesmas armas.

Dessa forma, há a necessidade de que os professores invistam em práticas que privilegiem a leitura literária, atentando para as potencialidades da literatura, esforçando-se para romper com o ensino limitado aos estilos de época e sua ordem cronológica, preocupado com uma formação de caráter enciclopédico, resultando em informações limitadas da obra, sobretudo no que ela tem de singular.

A linearidade cronológica na abordagem dos textos literários é justificada, muitas vezes, seja pelos livros didáticos ou planejamentos dos professores, pelo fato de funcionar como uma espécie de “estratégia de facilitação” da leitura dos textos pelos alunos. No entanto, compromete-se a interpretação da obra, e muitas vezes desestimula a leitura da obra integral, sem contar que tal estratégia subestima a capacidade interpretativa dos alunos.

Não podemos desconsiderar que o leitor, como ressalta Certeau (1994), é um viajante que circula em terras alheias e a partir das suas astúcias, táticas, adquire liberdade de escolhas, de leituras. O movimento de liberdade instaura-se na ação dos leitores de se “apoderarem” dos textos, construindo novos sentidos a partir de suas expectativas de leitura.

3. Análise das práticas e concepções dos alunos acerca da leitura literária

Neste tópico categorizamos e analisamos as respostas dos alunos acerca da leitura na educação básica. As categorias foram criadas a partir dos textos dos alunos elaborados com base no enunciado apresentado a seguir:

Atividade proposta

Começamos nosso estudo sobre literatura com base na experiência que você vivenciou na sua vida escolar. Quando você iniciou seus estudos literários na escola? O que marcou seus primeiros contatos com o texto literário? Quais eram os autores e textos que eram lidos em sala de aula? Provavelmente, nas suas lembranças estão momentos prazerosos com textos literários, dos quais você pode não lembrar o título ou mesmo o nome do autor, mas que de alguma forma permanecem na sua memória. Pode ser um verso de um poema lido pelo professor, a imagem de um personagem, o início ou o final de uma narrativa. Certamente, também, você pode lembrar-se de uma obra que precisou ler mesmo sem entender na época qual a importância daquela

leitura. Algumas dessas obras, você iniciou a leitura, mas não se sentiu motivado (a) a concluir. Possivelmente você lembra também de obras que gostava de ler, mas não se sentia à vontade para falar sobre elas na escola. Leituras que lhe proporcionavam muito prazer, mas que nunca eram mencionadas pelo (a) professor (a) de português. A partir dessas questões, escreva um breve relato da sua experiência com a leitura literária na escola.

De posse dos textos produzidos pelos alunos, buscamos responder a algumas questões: A leitura literária está na escola? Quais os objetivos que têm motivado a prática da leitura literária na escola? O que os alunos estão lendo? Quem escolhe as leituras? O que dizem os alunos-leitores sobre a leitura literária na escola? Qual a concepção de literatura dos alunos? Para encontrarmos possíveis respostas para as referidas questões, organizamos os relatos dos alunos em cinco categorias:

- 1- Início dos estudos literários na escola.
- 2- O que marcou o contato com o texto literário na escola.
- 3- Autores e textos lidos na escola.
- 4- Concepção de literatura do aluno recém-chegado ao curso de Letras.

3.1 Quando você iniciou seus estudos literários na escola?

Figura 1



Fonte: elaborado pela autora.

O início dos estudos literários na escola é apontado pela grande maioria dos alunos como tendo se dado no Ensino Médio. Provavelmente, os alunos apontaram o Ensino Médio como a etapa na qual se iniciaram os estudos literários pelo fato de que é neste nível que a disciplina Literatura é oferecida nos programas curriculares das escolas. Esta interpretação pode ser constatada no excerto de um dos relatos:

[...] Ao longo de minha formação escolar, no ensino médio, a leitura em sala de aula de romances era muito presente. Autores e suas obras literárias eram apresentados de forma fracionada, despertavam amor pela leitura literária por autores como Drummond, José de Alencar, Manoel Bandeira, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, etc. (A1).¹

¹ Identificamos os informantes utilizando de A1 a A30.

No excerto, é possível observar que a leitura literária além de está limitada ao Ensino Médio também está centrada na periodicidade das escolas literárias e na seleção de textos de autores canônicos. Entretanto, alguns relatos, 23% dos informantes, situaram a leitura literária nos anos iniciais da educação básica. Como exemplo de depoimento que situa os estudos literários nos anos iniciais, destacamos o trecho a seguir:

Bom, meus estudos literários começaram com livros infantis, fábulas e até mesmo pequenos poemas que eram levados pelas professoras, comecei no ensino fundamental I. [...]” (A5).

No relato de A5, a professora do Fundamental, anos iniciais, aparece como a responsável por apresentar a Literatura por meio dos gêneros fábula e poema, recorrentes nos livros didáticos direcionados a esta fase.

A partir dos relatos dos alunos, chamou a atenção o fato de um dos estudantes declarar que só começou a estudar literatura na graduação:

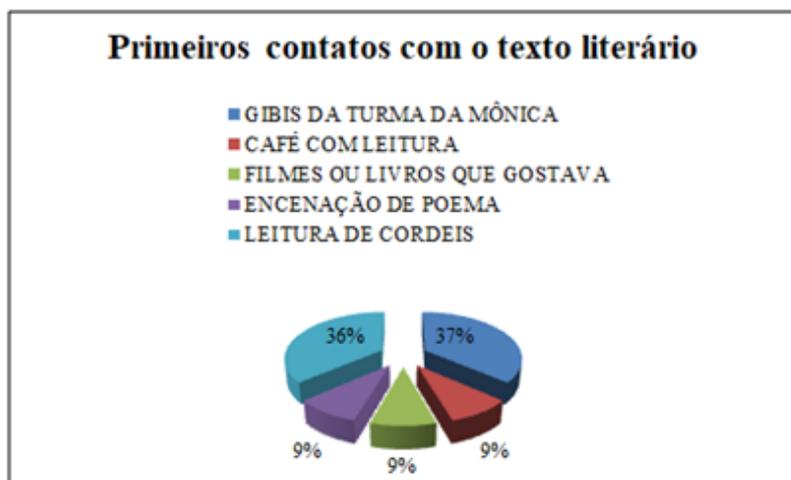
Bem, normalmente não costumo me lembrar desse lado da literatura no âmbito escolar secundarista, pois foi algo pouco discutido e pouco explanado. Minha vivência com o mundo literário deu início a partir da minha 2ª graduação onde comecei a discutir literaturas voltadas ao público infanto-juvenil. Vi e ouvi textos de Clarice Lispector, Augusto dos Anjos, porém para vida sou apaixonado por Augusto Cury, amo a forma com que escreve seus textos me passa verdade, mas acima de tudo me passa amor a academia de letras. (A6).

O relato do informante A6 demonstra que se trata de um aluno que já cursou outra graduação e que só ao ingressar no curso de Letras, ao estudar obras direcionadas ao público infanto-juvenil, passou a ter uma vivência com o que ele chama de “mundo literário”. Embora esta pesquisa tenha sido realizada com alunos do primeiro período do curso de Letras, é comum encontrarmos, nas turmas do primeiro semestre, alunos que já estão em outros períodos, caso deste informante.

Na leitura da Figura 1, registramos também o percentual relevante de 34% de informantes que não especificaram quando teve início a vivência com a literatura na escola. Deste percentual, alguns afirmam que não tiveram contato com o texto literário na escola, o que se explica talvez pela abordagem inadequada na escolarização da literatura no espaço escolar. Apesar dos textos literários frequentarem os livros didáticos, módulos, atividades, abordagem realizada, muitas vezes, não explora as singularidades estéticas e muito menos propicia encontros significativos entre leitor/texto. Outros alunos, não fizeram nenhuma referência ao início da leitura de textos literários na escola.

3.2-O que marcou seus primeiros contatos com o texto literário?

Figura 2



Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 2 revela que as experiências marcantes dos alunos com a leitura na escola estão relacionadas a dois aspectos. O primeiro diz respeito à leitura de gêneros que fazem parte do interesse e da cultura dos alunos como os quadrinhos e o cordel. O segundo aspecto é a referência a atividades que envolvem diferentes linguagens, como o teatro, o cinema, as rodas de conversa, o recital, de forma que se comuniquem e se expressem envolvendo corpo, emoção e linguagem.

A este respeito, vejamos alguns depoimentos:

Literatura pra mim é uma experiência, com a leitura posso conhecer novos autores, ler novas histórias, conhecer obras de artes. Tive contato com a literatura ainda no ensino básico quando a professora nos levava para a biblioteca para lermos gibis, eu adorava ler os gibis de Maurício de Sousa no qual seus gibis contavam historinhas de desenhos animados. Quando fui para o fundamental a experiência não foi tão boa, pois os professores não incentivavam muito os alunos, era aulas passivas, sem muito proveito, eu lia livros por conta própria de romances e comédias mas nunca por incentivo de professores. (A 14).

O relato do aluno A14 chama a atenção por vários aspectos. O primeiro é que literatura para ele é uma experiência por meio da qual adquire conhecimentos novos acerca de autores, histórias e obras de arte em geral. Aponta para uma concepção de literatura relacionada às vivências e subjetividades. Para ele a etapa que marcou a escolarização literária era quando podia ler na biblioteca as histórias em quadrinhos, leitura que “adorava”.

A opinião do graduando ressalta a importância do espaço da biblioteca ao ofertar práticas leitoras significativas para o aluno. Há também o destaque para a relação das histórias lidas com os desenhos animados de conhecimento do aluno. O processo de leitura envolve os conhecimentos e experiências do leitor, só assim “aventuramos - prevemos- o que vem a seguir” (Solé, 1998, p.24). A leitura como “resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora”. (Bordini e Aguiar, 1988, p.14).

O informante também destaca que ainda no fundamental não gostava das “aulas passivas”, o que pode ser interpretado como aulas com a pouca participação do aluno e embora gostasse de ler não encontrava incentivo dos professores.

A menção à falta de incentivo para a leitura na escola pode ser observada também no relato do informante A19:

Na escola nunca tive muito contato com literatura, comecei a ler alguns livros por incentivo do meu primo, que sempre me emprestava ou dava algum. Na sexta série uma professora começou a fazer um “café com leitura”, onde a gente podia escolher um livro e em uma data marcada a gente sentava para conversar sobre o livro que cada um leu e partilhar um lanche. Estudei com esta professora até a oitava série [...]. (A 19).

Emerge das memórias do aluno A19 a lembrança do “café literário” realizado na sexta série do ensino fundamental. Esta vivência recortada pelo aluno assinala a importância de ampliar os modos de leitura literária. No livro *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2014), Cosson chama a atenção para a necessidade de uma maior abertura no tratamento do texto literário a partir de diversas atividades que proporcionam uma experiência singular com a palavra, mostrando que a leitura literária não tem apenas um caminho. Esta importância na utilização de diferentes caminhos de trabalho com a leitura literária na escola foi amplamente discutido ainda na década de 1980 pelas professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar no livro *A Formação do leitor: Alternativas metodológicas* (1988).

O diálogo da leitura literária com outras linguagens artísticas, como a cinematográfica e a cênica, proposta da BNCC (2018), aparece em muitos relatos. Vejamos dois exemplos:

No ensino médio teve alguns professores que me apresentaram aquilo que é visto como literatura clássica, mas foi tudo tão distante que não consigo recordar de muita coisa. Porém, tive um professor que me mostrou a leitura de forma diferente, fazendo sempre ligação e referência a filmes ou livros que gostava. Esse momento foi crucial para a escolha que fiz – letras. (A 15).

As minhas experiências com aulas de literatura foram ricas para mim que aprecio e tenho como uma arte, lembro que o professor de literatura da 8ª série pediu a um grupo da sala que encenasse o poema “O bicho”, eu fiquei encantada com aquela forma de aprendizagem, esse mesmo professor também nos dava alguns livros para ler, em seguida pedia para fazer resumos desses livros e criar textos para fazer apresentações teatrais. [...] (A16).

Os depoimentos dos alunos fazem referências também a experiências exitosas vivenciadas na escola a partir de práticas adotadas pelo professor que propõe a leitura do texto literário não como uma prática enfadonha, mas como atividade instigante e prazerosa para o aluno.

3.3-Quais eram os autores e textos que eram lidos em sala de aula?

A seleção dos autores e textos para serem trabalhados na escola é outro aspecto importante apontado pelos estudiosos quando se discute a questão da formação do leitor literário. Bordini e Aguiar (1988) apresentam um capítulo intitulado “Interesse de leitura e seleção de textos” no qual chamam a atenção para a relevância da seleção dos textos a fim de despertar o interesse do aluno para a leitura. De acordo com as autoras, “O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”. (BORDINI E AGUIAR, 1988, p. 18). Vejamos, então, o que os alunos dizem que leram na educação básica.

Figura 3

Autores	Textos	Quantidade
Castro Alves	-	2
-	Fábulas	1
-	Poemas	6
Vinicius de Moraes		2
Machado de Assis		7
Clarice Lispector		4
Paulo Leminski	Toda poesia	1
-	Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente	1
-	O bicho	1

-	Cordel	4
-	Revista do Sesinho	1
Graciliano Ramos	São Bernardo	1
Graciliano Ramos	Vidas Secas	1
-	Romance	7
-	Livros cristãos	1
-	Gibis	4
Nicholas Sparks	-	2
Rachel de Queiroz	O Quinze	1
Monteiro Lobato	Sítio do Picapau Amarelo	1
Manuel Bandeira	-	4
Gregório de Matos	-	1
Cecília Meireles	-	3
Carlos Drummond de Andrade	-	3

Saramago	-	
Goethe	-	
Fernando Pessoa	-	3
-	Texto dramático	1
-	Dom Quixote	1
-	O Conde de Monte Cristo	1
Paulo Coelho	-	1
Jonh Green	-	1
José de Alencar	-	5
Bernardo de Guimarães	-	1
Lima Barreto	-	2
-	A Moreninha	2

-	A Viuvinha	1
Jorge Amado	Capitães da Areia	1
Vinicius de Moraes	"Soneto de Fidelidade"	1
Aluisio de Azevedo	-	1
-	Iracema	2
Augusto dos Anjos	-	2
Dráuzio Varella	Estação Carandiru	1
-	Músicas	1
-	O cortiço	3
Olavo Bilac	"Hora da estrela"	1
Ariano Suassuna	-	1
Augusto Cury	-	1
Eça de Queiroz	-	1
C.S Lewis	As crônicas de Nárnia	1
Fabiane Ribeiro	A menina feita de espinhos	1

Na figura 3 elencamos os autores, os textos e a quantidade de vezes que os respectivos escritores e as respectivas obras aparecem citados nos textos dos alunos. É

possível perceber que a maioria dos autores mencionados pelos alunos pertence ao Cânone. Além disso, no que diz respeito às escritoras, os nomes que são apontados, a exceção de Fabiane Ribeiro, são os mesmos que durante décadas também eram os únicos que apareciam nos livros didáticos como representativos da escrita de autoria feminina no Brasil: Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector.

Quanto aos textos lidos, ora aparecem referências aos gêneros (poema, fábulas, romances, cordel, gibis, texto dramático), ora títulos de obras. Chama a atenção também o fato de mencionarem o nome dos autores, a maioria pertencente ao cânone nacional, mas não citarem o título de nenhum texto do (da) autor (a).

Em síntese, o que constatamos é que os alunos chegam ao curso de Letras com pouca leitura literária. E este fato é muito importante ser registrado por que é preciso investir nesta formação. Caso contrário, ao chegar às salas de aula, esse graduado professor pouco oferecerá a seus alunos, mantendo o ciclo do qual foi vítima também.

Compreendemos que não basta apenas ler textos literários na graduação, concomitante é preciso o embasamento teórico e crítico, por isso um dos desafios da licenciatura, na realidade social, cultural e econômica que se encontra o país, é fazer o aluno ler literatura, crítica e teoria.

3.4-Com base nas suas vivências, o que é literatura para você?

A discussão sobre a concepção de literatura, assunto que faz parte do ementário da primeira disciplina da área de Literatura, no caso, o componente Teoria da Poesia, no qual foi realizada a pesquisa, também foi provocada como um dos pontos que os alunos deveriam comentar. Nos depoimentos foram encontradas opiniões como as que seguem:

Para mim, **literatura é a arte da palavra**. É por meio dela que, direto ou indiretamente, adentramos e **conhecemos os grandes clássicos das letras** como Machado de Assis. [...]” (A17).

Para mim, literatura é entrar em um universo que você pode se jogar de cabeça em fantasias que alimentam a sua mente de **coisas prazerosas**. **Navegar em romances**, se encaixando dentro de cada personagem, se identificando com ele, não só romance, mas também outras literaturas. [...] (A 21).

A literatura é um universo repleto de saberes e conhecimentos. Durante meu ensino médio, infelizmente, não conheci muitas obras literárias. **Meus professores indicavam-nos livros clássicos** como O Cortiço, A Moreninha, mas isso não fazia com que nós nos sentíssemos instigados a ler. [...]. (A3)

Nos depoimentos, a concepção de Literatura que predomina é também a mais recorrente nos livros didáticos, principalmente no livro, módulo, do primeiro ano do Ensino médio, ou seja, “Literatura como arte da palavra”. No livro *Cultura Letrada: literatura e leitura* (2006), Márcia Abreu analisa várias concepções de literatura presentes em uma prova de vestibular, cuja questão solicitava do candidato que, após a leitura do texto *As ilusões da literatura*, de Mario Vargas Llosa, assinalasse a alternativa em que a definição de literatura não estivesse de acordo com o texto lido. Uma das alternativas era justamente: “Literatura é a arte da palavra e existe para provocar o deleite e ampliar a visão de mundo do leitor.” Acerca dessa concepção, a estudiosa, destaca:

[...] a alternativa que define literatura como arte da palavra visando ao deleite e ao aprimoramento do leitor não seria correta, pois nem sempre as pessoas sentem prazer ao ler um poema e nem sempre a literatura as modifica. A alternativa estaria, então, meio certa, considerando-se apenas a parte da definição que identifica literatura com um uso especial da linguagem. Ou talvez essa alternativa esteja inteiramente errada, pois nem sempre um uso especial de linguagem garante que algo seja literário. (ABREU, 2006, p.35).

Abreu (2006) defende que a literatura é um fenômeno histórico e cultural elaborado e apreciado de diferentes formas por diferentes épocas e grupos sociais. É importante que estudemos sobre as obras e os autores consagrados, mas também respeitemos e busquemos conhecer as literaturas de menor prestígio social, a exemplo do folheto de cordel e dos *best sellers*, muitas vezes desprestigiados na escola.

Ao estudarmos com os alunos acerca da concepção de Literatura buscamos alargar a visão que eles trazem a partir das preferências de leitura que eles mencionam assim como dos modos de ler que eles vivenciam dentro e fora da escola. Procuramos mostrar que não é fácil definir literatura, pois toda produção literária (poemas, contos, romances...) é histórica e cultural. Nesse sentido, faz-se necessário avaliar cada produção de acordo com o sistema de valores no qual foi criada e isto implica levar em consideração não apenas o texto isolado, mas observar também quem o escreveu? Quando? Para quê? Para quem? Ao recriar a realidade, a literatura oferece ao leitor à possibilidade de ampliar a sua visão crítica sobre esta realidade. Enxergar o Outro (pessoas, culturas alheias) para além do nível das aparências, dos conhecimentos superficiais. Dessa forma, a criação literária ultrapassa a mera cópia da realidade, por meio da linguagem, instaura, cria novos mundos, cosmos. Escrever ou ler literatura é um meio também de comunicar nossos sentimentos, insatisfação, sofrimento, desejos reprimidos.

4. Considerações Finais

A partir dos relatos dos alunos, percebemos que a leitura literária está na escola na maioria das vezes por obrigação. Predomina ainda a referência a textos canônicos a respeito dos quais os alunos aprendem que devem gostar, mas que não leem ou leem muito pouco. As práticas com a leitura do texto literário, consideradas significativas para os alunos, são as que propiciam a interação ativa do leitor com o texto e o diálogo com outros textos, gêneros e suportes.

A literatura é concebida pelos alunos de maneira idealizada e distante das suas escolhas e práticas de leitura. Na escola as escolhas das leituras permanecem como responsabilidade do professor.

5. Referências

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Memórias da Borborema: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura A Formação do Leitor: Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais+**: Ensino Médio - Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**, Brasília, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 4. ed. Tradução Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

IPIRANGA, Sarah. **O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola**. In: Rev. de Letras - no 106 . 38 - vol. (1) - jan./jun. – 2019.

MARIA, Luzia. **O clube do livro: Ser leitor, que diferença faz?** São Paulo: Global, 2016.

_____. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2ed. Rio de Janeiro:vozes, 2008.

REZENDE, Neide Luzia de. A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: UM JARGÃO OU UM IDEAL? In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Memórias da Borborema: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Memórias da Borborema: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy A. Et al. A escolarização da literatura infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.